



## **APRESENTAÇÃO DO FSM E DA PROPOSTA DE UM EVENTO MUNDIAL DO FSM EM 2018 EM SALVADOR**

Maio 2017

Coletivo Baiano do FSM

### **1- O que é o FSM?**

#### **1-1- O propósito do FSM**

“ Um outro mundo possível! ”. É com esse lema que o Fórum Social Mundial (FSM) tornou-se conhecido. Surgido em Porto Alegre em 2001, em oposição ao Fórum Econômico de Davos, o FSM rebateu o discurso vigente do pensamento único neoliberal e denunciou os efeitos perversos da globalização econômica e financeira. Virou o símbolo da busca por um outro modelo de desenvolvimento para o planeta, socialmente justo e ambientalmente sustentável.

O Fórum Social Mundial (FSM), uma iniciativa da sociedade civil, é um encontro democrático que procura incentivar os debates e o aprofundamento da reflexão coletiva, a formulação de propostas alternativas, a troca de experiências e a constituição de coalizões e de redes entre os movimentos sociais, as organizações baseadas em comunidades (OBCs), as organizações não governamentais (ONGs) e outras organizações da sociedade civil (OSCs) que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital.

O FSM caracteriza-se pela pluralidade e pela diversidade, e por ser um espaço laico, não governamental e não partidário. Ele se propõe a facilitar a articulação, de forma descentralizada e em rede, de entidades e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional, para a construção de um outro mundo mais justo e

igualitário, embora não pretenda ser uma instância representativa da sociedade civil mundial. O Fórum Social Mundial não é uma entidade jurídica e nem uma organização.

## 1-2- Histórico do FSM

O evento mundial FSM foi reiterado 12 vezes, em 9 países de 3 continentes (América, África, Ásia):

- 4 edições mundiais em Porto Alegre em 2001, 2002, 2003 e 2005
- 1 edição em Mumbai (Índia) em 2004
- 1 edição policêntrica (Venezuela, Paquistão, Mali)
- 1 edição em Nairobi (Quênia) em 2007
- 1 edição em Belém (Brasil) em 2009
- 1 edição em Dacar (Senegal) em 2011
- 2 edições em Túnis (Tunísia) em 2013 e 2015
- 1 edição em Montreal (Canadá) em 2016

Das 12 edições mundiais do evento FSM realizadas nos 16 anos do FSM, 5 aconteceram no Brasil, sendo quatro em Porto Alegre e a última em Belém do Pará em 2009. Nesta década, as edições mundiais do FSM ocorreram inicialmente em cidades africanas: Dacar (Senegal) em 2011 e Túnis, capital da Tunísia e berço da primavera árabe, em 2013 e 2015. Assim como Porto Alegre, a cidade de Túnis é marcada pelo FSM, por ter abrigado os 2 penúltimos eventos mundiais.

Em agosto de 2016, na última edição mundial, a voz dos movimentos sociais planetários foi levada de forma inédita em um país do “Norte”, no Canadá em Montreal, no coração do capitalismo norteamericano.

O FSM se transformou, nos dias de hoje, na principal referência nos debates sobre a responsabilidade social e econômica para com o nosso planeta e nosso futuro. O FSM uniu inumeráveis participantes, ativistas e líderes de movimentos sociais e populares, redes e campanhas, estudantes, intelectuais, cientistas, artistas, jornalistas e outros formadores de opinião. Mesmo como todos os seus limites e dilemas, *“não existe alternativa ao Fórum Social Mundial”* declarava em 2013 o sociólogo estadunidense Immanuel Wallerstein<sup>1</sup>. *“Não há nada que esteja acontecendo que se compare a isso. Seja em termos de visões, de inclusão ou de esforços para transformar o mundo.”*

Um olhar histórico sobre o percurso do FSM revela suas **importantes contribuições** para humanidade:

- pautou na agenda mundial o aumento das desigualdades produzidas pela financeirização da economia;

---

<sup>1</sup><http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/a-Carta-Maior-Wallerstein-diz-que-'nada'-se-compara-ao-Forum-Social-Mundial%0D%0A/6/27681>

- valorizou outros paradigmas de desenvolvimento, para além do crescimento econômico, a exemplo do “bem viver” defendido pelas populações indígenas, andinas e amazônicas, em contraponto ao “viver melhor” da ideologia capitalista; ou de outras formas de economia, da economia solidária à economia do cuidado dos movimentos feministas;
- aprofundou o papel da sociedade civil na política, inspirando uma nova cultura de participação nas agendas institucionais nacionais e internacionais;
- estimulou a criação e o funcionamento de múltiplas articulações nacionais (a exemplo do Fórum Brasileiro de Economia Solidária) e internacionais;
- inspirou a implementação de diversas políticas públicas: não só militantes como também muitos governantes que acessaram o poder pelas urnas na década anterior, notadamente na América Latina e no Brasil, reconhecem-se como “filhos e filhas do FSM” e implementaram políticas inspiradas do FSM.
- reafirmou a supremacia dos direitos humanos sobre os interesses econômicos e financeiros, e reanimou a chama da utopia no imaginário coletivo planetário.

### **1-3- O FSM como processo**

Mais do que um evento, o FSM constitui-se como um processo de mobilização e articulação da sociedade civil planetária, que se desdobra em dinâmicas de articulação dos movimentos sociais no âmbito local, nacional e regional. O local e o global estão entrelaçados.

O FSM se organiza propondo um encontro mundial a cada dois anos (a partir de 2007), sendo que nos anos de intervalo, Fóruns temáticos descentralizados e autônomos são fortemente encorajados, a fim de dar seguimento as articulações e reflexões críticas nos diferentes países e regiões.

Diversos fóruns temáticos foram realizados nos últimos anos:

- Fóruns sociais mundiais temáticos em Porto Alegre (2010, 2012, 2014)
- Fórum Social Temático Energia (Brasília, agosto 2014)
- Fórum Temático da Biodiversidade (Manaus, janeiro 2015)
- Fórum Social Temático - 15 anos do FSM: Balanço, Avanços e Desafios, em janeiro de 2016 em Porto Alegre
- Fórum Social Mundial das Migrações (São Paulo, 2016)
- Fórum Social das Resistências (Porto Alegre, janeiro 2017), onde foi apresentada a proposta de um evento em Salvador em 2018.

O próximo importante evento do processo FSM é o Fórum Social Panamazônico, de 28 de abril à 1º de maio de 2017 em Tarapoto, no Perú, que envolve organizações e movimentos de 9 países.

O Conselho Internacional (CI) tem sido o lugar coletivo de facilitação do processo FSM, fazendo com que esta articulação avance. O CI foi criado em 2001 em decorrência de um convite feito pelo Comitê Organizador Brasileiro, que trata-se do grupo de oito organizações brasileiras que organizou o primeiro FSM e, atualmente o CI congrega 120 redes e movimentos sociais do mundo inteiro. O CI criou também uma nova forma de propor e de facilitar os diálogos e encontros que favorece o fortalecimento das lutas sociais e a criação de alternativas no nível global. É uma estrutura que não possui poder de direção, nem hierarquias, líderes ou coordenadores, e todas as decisões são tomadas através do que é chamado de consenso qualificado. O CI quer estar profundamente conectado com a dinâmica dos movimentos sociais sem ser um corpo representativo de qualquer movimento social específico ou sociedade civil organizada, como consta na Carta de Princípios.

## **2- Desafios postos pelo contexto internacional de crise e de resistências**

Na América Latina, vários governos foram eleitos democraticamente nos anos 2000 assumindo-se como “filhos e filhas do FSM”. Implementaram, na contramão das cartilhas neoliberais, uma agenda social que resultou na inclusão de milhões de pessoas ao acesso a bens e serviços públicos antes inacessíveis. A geopolítica internacional tornou-se menos dependente do eixo Estados Unidos-União Europeia-Japão e o mundo ficou menos monopolizado.

O sistema capitalista mundial entrou numa crise profunda a partir de 2008, hoje caracterizada pelas suas múltiplas dimensões: crise econômica e financeira, crise ambiental, alimentar, energética, etc. As mudanças climáticas ameaçam a integridade dos ecossistemas e a sobrevivência das populações. A financeirização crescente da economia provocou o aumento das desigualdades em um patamar jamais atingido. Na maioria dos países, políticas de austeridade e de ajuste estrutural foram impostas para as populações, tendo como principais vítimas as pessoas mais vulneráveis.

Em diversas regiões, o contexto de guerras provoca multidões de refugiados e migrantes. O combate ao terror tem suscitado reações violentas e falsas soluções, de rejeição e ódio, xenofobia e racismo, além de políticas patriarcais e colonialistas, desprezando a dignidade humana e os direitos democráticos e sociais.

Mesmo assim, o capitalismo neoliberal não perdeu sua força e busca formas de se reinventar. Intensificou-se o processo de mercantilização da vida e dos bens comuns. As políticas nacionais de desenvolvimento, em diversos aspectos, tornaram-se cada vez mais subordinadas aos interesses das elites políticas e dos grupos transnacionais econômicos e financeiros, bem como dos setores da mineração, extrativismo, agronegócio e das empreiteiras. Em muitos países, o ônus da crise está sendo cobrado das populações por meio de políticas de austeridade que acabam precarizando a vida e violando os direitos humanos, trabalhistas e ambientais.

A financeirização da economia chegou num patamar jamais atingido. O sistema financeiro tem valor setenta vezes maior que o agregado do PIB global. O economista francês Thomas Piketty demonstrou em seu livro *O Capital no Século 21* que o lucro sobre o investimento financeiro é até dez vezes maior do que o crescimento da economia, contribuindo para o aumento da concentração da riqueza. Ele assim questiona: “a *economia global* estará se acelerando em direção a um futuro incompatível com a democracia?”.

Em toda América Latina, em todo mundo, as forças conservadoras estão crescendo e ameaçam as institucionalidades democráticas. O Brasil, por sua vez, está enfrentando um forte retrocesso no seu processo democrático: ao lado de outros países latino-americanos, como Paraguai e Honduras, inaugura uma nova geração de golpes, realizados dentro de uma aparente institucionalidade. Um projeto de desmonte do Estado e das políticas sociais está em curso, imposto por um governo que não é legitimado pela população. O retrocesso dos direitos humanos e ambientais já é uma realidade.

Como consequências, aumentam as tensões sociais no Brasil e pelo mundo. Grandes mobilizações sociais surgem em todo planeta e tomam novas dimensões e expressões. Da mesma forma que o FSM é o aspecto mais significativo da dinâmica dos movimentos sociais nos anos 2000, o surgimento de novos movimentos cidadãos que se expressam nas ruas e nos espaços públicos marca o início dos anos 2010. Destacam-se, entre outros, os movimentos revolucionários do Norte da África que levaram à “Primavera Árabe” a partir de 2011 (culminando com o reconhecimento dado através do Prêmio Nobel da Paz em 2015 aos líderes deste movimento na Tunísia), como também as mobilizações do *Occupy Wall Street*, os Indignados na Espanha, os estudantes do Chile, do Québec e de Hong Kong, ou ainda mobilizações cidadãos na Grécia, na Croácia, na Islândia, no Senegal e em tantos outros países e regiões do planeta.

No Brasil, importantes mobilizações da juventude ocorreram em junho de 2013, quando multidões formadas principalmente por jovens tomaram as ruas e desafiaram as autoridades, clamando por mobilidade, mais políticas sociais e menos corrupção. As mobilizações ressurgem no contexto de golpe institucional, impondo novos desafios para os movimentos sociais. Dentre eles, podem ser citados:

- Aproximar as lutas de movimentos em resistência, promovendo a sua convergência e uma unidade em ações coletivas e complementares, preservando a sua diversidade.
- Fortalecer as relações entre os movimentos e organizações sociais mais “tradicionais” e os “novos movimentos”, integrados principalmente por jovens e com outras formas de organização.
- Aprofundar e renovar as relações entre movimentos sociais, partidos e instâncias do poder, e contribuir para uma renovação dos projetos de sociedade e do pensamento utópico.
- Contribuir para uma maior resistência e incidência política na promoção de paradigmas de desenvolvimento baseados na justiça social e ambiental.

- Promover uma maior visibilidade na sociedade da expressão contra-hegemônica dos diversos movimentos de resistência.

Com todos os entraves e desafios, o FSM permanece um espaço único no âmbito global, com o potencial de reunir e fomentar narrativas contra-hegemônicas, disseminá-las e assim oferecer às forças progressistas de todo o planeta uma renovação do pensamento utópico, num momento em que, muitas vezes, a esperança dá lugar à desilusão.

A proposta é que Salvador seja o palco de convergência de um processo e de um evento desta envergadura.

### **3- UM FÓRUM MUNDIAL NA BAHIA**

#### **3-1- A indicação de Salvador como sede de um evento do FSM**

Salvador, capital da Bahia, é a maior cidade negra fora da África, e está inserida na região Nordeste, que registra, junto com a região Norte, os maiores índices de desigualdade no país, e onde a sociedade civil organizada possui uma trajetória histórica de resistência. Organizações e movimentos baianos sempre estiveram muito envolvidos com o processo do FSM, com a realização, por exemplo, do 1º Fórum Social Baiano em 2004, do 2º Fórum Social Nordestino em 2007 e de um Fórum Mundial Temático em 2010. Nos últimos anos, o Coletivo Baiano do FSM, formado atualmente por 30 organizações, movimentos e redes da sociedade civil baiana, participou de forma ativa das edições mundiais do FSM 2013 e 2015 em Túnis (Tunísia) e no FSM 2016 em Montreal (Montreal), ou ainda dos Fóruns temáticos de Porto Alegre. Mantendo-se atuante permanentemente, o Coletivo Baiano realizou em Salvador múltiplas atividades, locais, nacionais e internacionais, com destaque para dois seminários internacionais, um encontro de articulação da sociedade civil brasileira rumo ao FSM 2015, e uma reunião do Conselho Internacional (CI) em outubro de 2015.

O CI do FSM, na sua última reunião durante o Fórum Social das Resistências em Porto Alegre, em janeiro 2017, deu o aval ao Coletivo Baiano do FSM para analisar a possibilidade de realizar, de forma articulada com movimentos sociais brasileiros, um evento de caráter mundial em Salvador em março de 2018. A ideia de um evento mundial é o resultado de um processo de construção de 3 anos por parte do Coletivo Baiano do FSM, e foi incentivada por diversas organizações, movimentos e coletivos brasileiros e internacionais. O CI atendeu à solicitação do Coletivo Baiano do FSM e concedeu um prazo de dois meses para que busque viabilizar as condições políticas e operacionais para consolidar esta proposta. O Coletivo Baiano deve dar uma resposta definitiva, junto com as organizações brasileiras, no início de abril 2017.

Caso seja confirmado, as organizações do CI se comprometem em envolver-se no processo de articulação política para que o encontro seja o mais representativo possível da diversidade do movimento altermundialista de todo o mundo.

Consequência disso será o envolvimento nos momentos de luta já constituídos, em especial a COP23 (Conferência das Nações Unidas para Mudanças Climáticas) em novembro 2017 em Bonn na Alemanha, a reunião da OMC (Organização Mundial do Comércio) em dezembro 2017 em Buenos Aires na Argentina e uma ação global contra o Fórum Econômico de Davos em janeiro de 2018, com uma convergência em Salvador em março de 2018.

A realização em Salvador de um evento de caráter mundial em 2018 e a definição da sua natureza, no entanto, dependem das condições a serem construídas nos próximos dois meses, tanto nas questões de articulação política quanto de ordem estrutural. Nesse sentido, o Coletivo baiano do FSM aponta os seguintes aspectos como elementos fundamentais desta construção:

- Autonomia da sociedade civil neste processo, como posto na Carta de Princípios do FSM de Porto Alegre.
- Articulação ampla e identificação de movimentos e organizações baianas, mas também nordestinas, brasileiras e internacionais, buscando envolvimento na construção do evento.
- Apoio de parceiros nacionais e internacionais, dentre os quais governos, universidades e organismos de cooperação.
- Coordenação política de movimentos e organizações baianas e nacionais.

O Coletivo Baiano do FSM está empenhado nesse sentido em estabelecer um diálogo junto a diversos atores, que estão sendo mobilizados para realização do evento em Salvador.

Muitas atividades de mobilização, articulação e diálogo foram realizadas nos primeiros meses de 2017:

- 2 plenárias (1 em SSA com movimentos sociais baianos e outra em SP com movimentos nacionais)
- Muitos encontros, reuniões, diálogos, etc. Ocorrem reuniões plenárias semanais do Coletivo baiano do FSM.

A proposta de um evento mundial na Bahia já conseguiu a **adesão de mais de 200 diversos movimentos, organizações, articulações e redes da sociedade civil na Bahia e no Brasil**, que já declararam seu apoio e envolvimento nesta construção. Podem ser citadas a Frente Brasil Popular (nacional e Bahia) e Povo sem Medo (Bahia), MST (Bahia), centrais sindicais, o Fórum Panamazônico, o Fórum das Migrações, o Fórum Mundial de Mídia Livre, o Fórum Mundial de Educação Popular, o Fórum Mundial de Saúde e Seguridade Social, ONGs dos mais diversos segmentos, movimentos sociais, organizações comunitárias, etc.

O Coletivo nacional Pro-FSM na Bahia foi criado na plenária de 25/03 em São Paulo, passando a ser o responsável a frente da proposta do evento do FSM em 2018 em Salvador.

Dentre os elementos facilitadores para realização de um evento de caráter mundial na Bahia em março 2018, inserido no processo do FSM, devem ser considerados os seguintes elementos:

- ❖ A Bahia destaca-se como um estado de grande poder atrativo para os atores sociais de outros países, simbolizando o encontro dos povos africanos, indígenas e europeus.
- ❖ A Bahia e Salvador em primeiro lugar possuem uma infraestrutura de qualidade e com capacidade de acolhimento para uma grande quantidade de pessoas.